



EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO

Priscila da Silva Fernandes ¹
Renan Martins da Conceição Attab ²

RESUMO

Esse trabalho tem como intenção refletir a educação sexual, seus benefícios na formação dos indivíduos, para construção de pessoas sexualmente saudáveis, livres de preconceitos, podendo se posicionar de maneira crítica e defensiva nas questões de dignidade humana, as ideias relacionadas a ideologia de gênero, que por muitos mal interpretada devido a influencia de grupos que não aceitam os direitos das minorias como as mulheres, gays, lésbicas e demais identidades, que nada mais é do que a luta para que todos tenham os mesmos direitos. Será analisado a diferença de sexualidade e sexo, esclarecendo que não são sinônimos, que a sexualidade é amplo relacionada à cultura existindo fatores que determinam este dispositivo, e que o sexo está mais restrito ao ato sexual e aos aspectos biológicos. Apresentando o retrocesso que a educação sexual teve com a aprovação da BNCC. O objetivo é delimitar os conceitos sexualidade, sexo, ideologia de gênero, abordando a importância de uma educação sexual, para a formação de pessoas sexualmente saudáveis, crítica capazes de se posicionarem contraria a qualquer forma de preconceito ou violação de direitos. Como metodologia foi realizado uma análise de referencial bibliográfico, estudando vários artigos, chegando à conclusão dá importância de uma educação sexual na escola, para que ocorra a quebra de vários tabus e possíveis traumas que uma educação sexual punitiva pode realizar na vida deixando claro, que educação sexual, está relacionada com autoestima dos indivíduos, com construção de mecanismos de defesa formando pessoas respeitadas que convivam de maneira saudável com quem possua escolhas diferentes as suas.

Palavras-chave: Educação, Sexualidade, Gênero, Sexo, BNCC.

INTRODUÇÃO

A sexualidade muitas vezes é remetida e simplificada ao ato sexual, no entanto, ela é muito mais do que isso, estando relacionada a tudo que envolve o individuo, como a cultura onde o individuo está inserido os seus gostos, seus relacionamentos tanto familiares quanto de amizades, a sua religiosidade, as sensações que são produzidas e fluem do seu corpo, já o sexo é algo basicamente restrito ao ato e as práticas sexuais, aos aspectos biológicos e anatômicos. A educação sexual tem seu inicio no momento que a criança nasce com o cuidado que os pais têm com o corpo da criança, e auxiliando os pequenos nos anos seguintes ensinando-os com esses cuidados. Nesse momento mesmo sem intenção já existe uma educação sexual, podendo esta ser formativa, saudável e construtiva, com foco no desenvolvimento natural, como também, pode ser repressora de caráter punitivo ocasionando sentimentos de medo e culpa, podendo

¹ PEB Professor de Educação Básica II do Estado de São Paulo priscilasilva@prof.educacao.sp.gov.br

² PEB Professor de Educação Básica II do Estado de São Paulo attab@prof.educacao.sp.gov.br



causar até alguns traumas e tabus, tudo isso irá depender de como a família lida com essa educação sexual, que muitos realizam sem perceber e sem saber que estão realizando, essa educação continua na escola, de maneira mais formal e direcionada tendo os professores a necessidade de conhecer os alunos, pois estes quando chegam na escola já possuem um conhecimento prévio, e cada indivíduo chega ao ambiente escolar já com seus conhecimentos de mundo e informações de suas famílias, que devem ser respeitadas. Já o gênero é o conjunto de personalidade, atitudes, sentimentos, valores, e comportamentos que diferenciam mulheres e homens, esse grupo de aspectos psicológicos, sociais, históricos, e culturais associados a feminilidade e a masculinidade, que merecem respeito mesmo que o gênero não esteja em igualdade aos aspectos biológicos.

È necessário deixar esclarecido esses conceitos, devido muitos confundirem, e terem posturas contrárias muitas vezes devido a informações errôneas produzida e disseminada pelo senso comum, principalmente no momento vivenciado na atualidade. Diante disso, é necessário produzir uma educação que esteja fundada nas ideias inclusivas de respeito às pessoas independente de sua etnia, religiosidade e orientação sexual. Por isso, é necessário uma educação sexual, com seu início desde a infância, sendo a família e a escola provedora dessa construção, deixando claro que educação sexual, não é algo restrito as práticas sexuais, sendo uma educação mais ampla, abrangendo na educação infantil informações do cuidado e higiene com o corpo, bem como também a prevenção da abordagem de um adulto, aos toques que esse queira fazer no corpo da criança, instrumentalizando o pequeno infante à defender de um possível assédio ou abuso sexual, criando uma criança emocionalmente saudável e capaz de se defender e perceber atos que possam progredir para um possível abuso sexual, esse tipo de educação longe de ser algo agressivo e violento, que irá destruir a inocência, tem um caráter formativo criando pessoas confiantes e que são capazes de se defenderem.

Em igual importância, a educação sexual dos adolescentes se faz necessária para que os adolescentes conheçam as mudanças que ocorrem em seus corpos nesse momento como as alterações hormonais e as descobertas, é importante que eles possam entender como ocorreu a construção da sexualidade na sociedade contemporânea e como muitas vezes ocorre a reprodução de modelos estereotipados de preconceito a tudo que não se encaixa ao modelo do patriarcado abordando com os adolescentes assuntos como respeito ao corpo do outro, o ensino de respeito aos colegas quanto as escolhas de parceiro, sem nenhum constrangimento, como também o tratamento de ambos os gêneros com direitos e deveres iguais, para que possamos criar uma sociedade justa igualitária.

O ensino de respeito de gênero na escola conhecida como ideologia de gênero tratada por muitos como incentivo a homossexualidade e ao lesbianismo, maneira que muitos opositores aos direitos da igualdade de gênero encontraram para disseminarem na população ideias de ódio e homofobia, encontrando nas pessoas sem muito conhecimento maneiras de disseminarem pensamentos preconceituosos e taxativos, perpetuando um modelo heteronormativo baseado no patriarcado, onde o homem heterossexual e branco é sinônimo de poder e modelo a ser seguido, não mostrando o ideal verdadeiro da ideologia de gênero que é a busca e o respeito onde homens,



mulheres, gays, lésbicas, transgênero e demais identidades de gênero sejam tratados com igualdade de direitos à saúde, educação, direitos civis e sejam respeitados como pessoa com todos os direitos garantidos como todos os demais cidadãos.

METODOLOGIA

A metodologia foi feita através de um referencial teórico, realizando análise de artigos científicos que abordam temas tais como gênero, sexualidade, sexo, educação sexual para poder realizar a construção desse documento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para entender sexualidade, primeiramente, é necessário diferenciar sexualidade de sexo, onde o primeiro inclui o comportamento, atitudes e valores que são aprendidos e reaprendidos ao longo da história do indivíduo, desde seu nascimento, iniciando na família sem caráter intencional, e se afunilando na escola, constituindo a educação sexual. (Maia, Ribeiro, 2011), sexualidade portanto, é algo relacionado a cultura e tudo que diz respeito ao indivíduo.

Sexualidade é o nome dado aos mecanismos históricos, não é algo que é aprendido com dificuldade, são estímulos dos corpos, que busca a intensificação dos prazeres, realizando com esse corpo discurso, conhecimento, e resistência dos modelos de controle e poder. (Foucault, 1984). Por tanto, a sexualidade são os estímulos, as intensificações e as formas de se obter prazeres através do corpo. A sexualidade está também relacionada aos mecanismos de controle, resistência e poder, onde o conhecimento e os gêneros principalmente o masculino tentam dominar os que possuem menos conhecimento e os indivíduos femininos, gays e lésbicas, considerados pela cultura patriarcal heteronormativa, como pessoas inferiores. Há muito tempo, se estuda a sexualidade e o sexo, porém pouco se entende, e a maioria das pessoas tendem à simplificar e normatizar a sexualidade e os atos sexuais ao biológico, sem considerar o indivíduo na sua singularidade, entendendo que cada sujeito é único e possui seus desejos e anseios muito além do que é determinado biologicamente.

Muitos apoiam o conhecimento a sexualidade simplesmente aos aspectos biológicos não levando em consideração os impulsos sexuais e as construções sociais, que ultrapassam o campo do corpo físico sendo contrárias as ideias do construcionismo às



ideias do essencialistas e deterministas, pois a construção social é realizada de várias maneiras não estando limitada apenas ao biológico.

(...)as hierarquias de gênero e as hierarquias sexuais pautam-se por uma compreensão naturalizada e universal, em que os sujeitos masculinos, heterossexuais, brancos, ocidentais, cristãos, são vistos como a norma, o padrão. Trata-se de uma referência praticamente invisível, inquestionável, porque está calcada numa concepção essencializada de mundo e de sujeito, constituindo-se, assim, como a matriz para uma condição subalterna por parte de todos aqueles que fugirem aos padrões hegemônicos estabelecidos. (FELIPE, 2007, p.84)

Há tempos, existe uma luta para o rompimento do modelo patriarcal existente na sociedade ocidental, no entanto, ainda é algo muito enraizado na cultura considerando algumas atitudes como normais, e padrões, tendo o homem branco, heterossexual e religioso como o individuo de condutas corretas, aquele que não erra e que merece ser seguido, pois suas atitudes são merecedoras de louvor, e norma a ser seguido, e as mulheres só cabem servir esse individuo com tantas qualidades.

É relevante refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que essa cultura coloca para a sexualidade. É relevante refletir sobre os modos como se regulam, se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres. (Louro, 2007).

Aqui Louro reflete como a cultura vigia a sexualidade dos indivíduos, regulando e normatizando todas as atitudes determinando o que as pessoas de cada gênero, raça e classe sociais devem ou não fazer, como cada um deve obter prazeres e como devem ser os seus desejos, tendo um padrão para se ser homem e mulher, sendo tudo que não esteja dentro dessa norma considerado como errado, doente e pecado.

Desprezar alguém por ser *gay* ou por ser *lésbica* é, para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo "compreensível". Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável. Mas esse quadro parece representar, em linhas mais ou menos gerais, a sociedade brasileira. Por isso, sinto-me autorizada a afirmar que a sexualidade ou as tensões em torno da sexualidade constituem-se numa questão que vale a pena colocar em primeiro plano. (LOURO, 2007, p. 203)

O desprezo por uma pessoa por ser *gay* ou *lésbica*, é colocada aqui de maneira intolerável, sendo considerada para a nossa sociedade como atitudes naturais, de maneira que essas pessoas merecessem tais atitudes, simplesmente por possuírem práticas sexuais diferentes das consideradas padrões e corretas, e todos que não estão dentro dessa norma devem ser banidas ou tratadas com tal desprezo por todos, pois para muitos, indivíduos que possuam atitudes e praticas contrárias não devem ser tratadas com os mesmos direitos e não devem está na mesma posição, portanto, também não devem frequentar os mesmos lugares, deixando essas pessoas na margem, onde não



deve ser visto, pois seu lugar não é no meio da sociedade onde é o lugar para as pessoas “bem” estão vivendo.

A construção do corpo se dá antes mesmo antes e fora da cultura, o nome dado ao nascimento de uma criança está relacionado a cultura que está inserido tal corpo, daí algumas ideias feministas defendem que o nome do gênero, não é apenas aquilo que podemos caracterizar daquele corpo, mas também o que pode fazer esse corpo existir, como ele se expressa dentro da cultura onde se encontra. (Louro, 2007).

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à idéia de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável dos comportamentos. Tal determinismo serviu muitas vezes para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas. O que importa, na perspectiva das relações de gênero, é discutir os processos de construção ou formação histórica, linguística e social, instituídas na formação de mulheres e homens, meninas e meninos. (Souza, 1995,p.)

O gênero para as feministas ultrapassa o biológico, está relacionado mais como o indivíduo se vê e se posiciona no mundo, do que suas genitálias que são os determinantes biológicos, considerados somente isso para determinar o corpo de uma pessoa.

Aproximamos, portanto, gênero e sexualidade à medida que assumimos que ambos são construídos culturalmente e, assim sendo, carregam a historicidade e o caráter provisório das culturas. Aprendemos ser um sujeito do gênero feminino ou masculino, aprendemos a ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, a expressar nossos desejos através de determinados comportamentos, gestos, etc., em muitas instâncias – na família, na escola, através do cinema, da televisão, das revistas, da internet, através das pregações religiosas ou da pregação da mídia ou ainda da medicina. Enfim, um porção de espaços e instâncias exercitam pedagogias culturais ou, para o que nos interessa neste momento, exercitam pedagogias de gênero e sexualidade (LOURO, 1999)

O cenário atual do país infelizmente ecoa um discurso de ódio as minorias e a todos que se faz diferente do que é tradicionalmente colocado como normal empurrando as margens da sociedade os que não estão encaixados nos padrões heteronormativos, excluindo essas pessoas dos direitos simples e básicos destinados a todos os cidadãos, categorizando esses indivíduos como subumanos não merecedores dos direitos básicos dos considerados “pessoas de bem.” Muitos utilizando concepções religiosas e a falta de conhecimento de uma grande parcela da população para se manterem e perpetuarem no campo da política, com o discurso de serem defensores da moral e bons costumes, como diz o autor não entendemos nem mesmo o significado de gênero ou sexualidade, tendo vários olhares, alguns como algo catastrófico outros de maneira de celebração e saudação aos diferentes, pois somos indivíduos únicos, cada qual com suas particularidades. (Louro 2007).



A importância da educação sexual desde da infância está embasada na igualdade e na falta de conceitos pré concebidos pelas crianças, onde está trata todos como igual, e sem nenhum preconceitos como acontece com os adultos, bem como os conhecimentos com o corpo se dá de maneira natural bem podemos analisar

Diante do público reunido, um dos professores, Wolke, formulou aos alunos questões selecionadas sobre os mistérios do sexo, do nascimento, da procriação: levou-os a comentar gravuras que representavam uma mulher grávida, um casal, um berço. As respostas foram esclarecidas, sem embaraço nem vergonha. Nenhum riso indecoroso veio perturbá-las - salvo, justamente, da parte de um público adulto bem mais infantil do que as próprias crianças e ao qual Wolke repreendeu severamente. Finalmente, foram aplaudidos os meninos rechonchudos que, diante da gente grande, traçaram com destreza as guirlandas do discurso e do sexo (FOUCAULT, 1984, p. 31).

Diante dessas informações entendemos que ninguém nasce homofóbico, machista ou racista, são dispositivos ensinados para que as hegemonias de poder se perpetuem, nunca ficando entre pessoas consideradas fora das normas das regras, essas para a sociedade devem ser deixadas as margens, devido serem pessoas que podem “contaminar” as pessoas das famosas famílias de bem. É necessário realizar na educação infantil uma desconstrução dos padrões de gêneros, para que as crianças possam crescer livres, sem nenhum preconceito, podendo se divertir e criar suas fantasias dentro das brincadeiras utilizando qualquer tipo de brinquedo, pois para a criança o ato de brincar nada mais é de criar um mundo cheios de fantasia, podendo ser quem sua imaginação desejar ser, pois a fantasia cria possibilidades de sair da realidade e percorrer universos inimagináveis na mente do adulto, devido a criança ser um indivíduo ainda em formação e possuir uma imaginação e mente livre.

Para ampliar as discussões em torno do gênero e da sexualidade no espaço escolar, é fundamental observar de que forma, na nossa cultura e em outras também, os vários grupos sociais elaboram minuciosas estratégias de controle sobre os corpos masculinos e femininos, criando expectativas em torno deles, estabelecendo padrões de comportamento aceitáveis ou inaceitáveis, categorizando-os como normais ou anormais, imputando-lhes tratamentos, terapias, vigilâncias, castigos, torturas ou mesmo a morte. (FELIPE, 2007, p. 80)

É preciso conhecer a cultura da escola, as famílias que se fazem presente nessa comunidade para que se possa trabalhar as questões dos corpos e desconstrução dos padrões criados como aceitáveis, para que a educação não se torne torturadora e vigilante de corpos, empregando neles ou auxiliando que algumas condutas devem ser merecedoras de castigos.

As instituições escolares podem ser consideradas um dos mais importantes espaços de convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que tange à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais. As relações de poder entre homens e mulheres, meninos e meninas, nas suas múltiplas possibilidades, atravessam a escola dos mais diferentes modos: seja através de piadas de cunho sexista ou racista; seja através de uma acirrada vigilância em torno da sexualidade infantil, principalmente dos meninos, tentando normatizar os comportamentos que porventura não sejam “condizentes” com as expectativas de gênero instituídas; seja através da distribuição dos espaços e das tarefas a cada grupo; seja, ainda, através do descaso para com situações que envolvam violência doméstica e/ou abuso sexual. (FELIPE, 2007, p.79)

Para que a escola possua um caráter formador livres de tabus e preconceitos é necessário que ela rompa com modelos estereotipados, tratando cada indivíduo como



peças únicas sem criar nenhuma expectativa ou rotulação das atitudes tomadas tanto por alunos, docentes ou demais funcionários, a escola por ser esse ambiente transformador onde todas as barreiras devem ser quebradas aqui também podemos inserir a igualdade de gêneros onde todas as pessoas devem ser respeitadas em sua singularidade, ao mesmo tempo em que seus direitos como os demais cidadãos sejam garantidos.

Atualmente, no âmbito da escola, tem sido possível observar alguns esforços no sentido de discutir a sexualidade, mas muitas vezes este tema é abordado apenas sob o viés da prevenção, do medo da doença e da morte, acrescido de um certo pânico moral. A perspectiva com a qual se trabalha em torno dessa temática quase sempre se limita a uma abordagem biológica: ensina-se, por exemplo, a anatomia dos órgãos sexuais, como se dá a fecundação, o nascimento, os métodos contraceptivos, bem como as estratégias de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. (FELIPE, 2007, p. 80)

Principalmente no momento atual vivenciado no Brasil, com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que a Educação Sexual ficou restrita a matéria de Ciências apenas abordando assuntos relacionados à reprodução como os aparelhos reprodutores masculinos e femininos e prevenções das infecções, utilizando nesse documento nomenclatura antiga que os sistemas de saúde reformularam, mudando DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) para ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), limitando a sexualidade humana apenas a reprodução e prevenção das possíveis doenças que podem ocorrer em casos de relações sexuais sem prevenção.

Na atual BNCC notamos que há limitações do que potencialidades quando se pensa em Sexualidade e Gênero, dado que se reservou uma breve discussão sobre o tema apenas no oitavo ano. A habilidade 11 não é suficiente para uma discussão consciente sobre Sexualidade, até por que ela não é acompanhada de uma progressão, como seria necessário para um termo complexo que vai além do biológico, deparando-se com aspectos sociais e culturais. Embora haja uma omissão curricular dessas temáticas, ainda precisamos agir para que atitudes preconceituosas sejam combatidas no espaço escolar. (Monteiro e Ribeiro, 2020, p.19)

Com tudo isso, o país tem um retrocesso de quase um século na questão Educação Sexual, quando no início do século XX a educação tinha caráter médico higienista cuidando apenas da saúde e de questões reprodutivas, após dez décadas voltamos ao mesmo cenário, sendo silenciado da BNCC as questões de gênero e orientação sexual, mas nem por isso, a escola deve se calar, mantendo uma postura contra toda forma de preconceito e discriminação, pois o espaço escolar deve ser propício para o desenvolvimento saudável e seguro de cada indivíduo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Conforme analisado nos artigos investigados a sociedade atual ainda está moldada nos padrões do patriarcado e normatizando atitudes de preconceitos e exclusão de pessoas que possuem orientação sexual diferente do que é considerado padrão e normal. Bem como a separação de conceitos como sexualidade e sexo, sendo confundidas pela população em geral como sinônimos, ocasionando nessa uma grande repulsa quando se fala em educação sexual na escola, não entendendo que essa se inicia na família já no momento de nascimento da criança, mesmo sem nenhuma intenção isso já ocorre, sendo essa falta de informação utilizada por grupos extremistas e políticos que visam utilizar essa falta de conhecimento da grande maioria para se perpetuarem no poder disseminarem discurso de ódio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui a importância de uma educação sexual na escola livre e igualitária para que ocorra a quebra de vários tabus e possíveis traumas que uma educação sexual punitiva e classificatória pode realizar na vida do indivíduo, deixando claro, que educação sexual, está relacionada com autoestima de indivíduos, com sua capacidade de construção de mecanismos de defesa de atos abusivos e que sejam pessoas respeitadas que convivam de maneira saudável com quem possua escolhas diferentes as suas, sendo capazes de reagirem e se posicionarem de maneira contrária a qualquer atitude que possa ferir a dignidade e o direito de qualquer indivíduo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2018

FELIPE Jane. **Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas**. Rev. Pro-Posições, v. 18, n. 2 (53) - maio/ago. 2007 Disponível em:
<https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2425/53-dossie-felipej.pdf> Acessado em: 20/09/2020

FOUCAULT, Michel. **A história da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, GRAAL, 1984.



LOURO, G. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Revista em Educação n. 46 p. 201-206 dez 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982007000200008&script=sci_arttext&tlng=pt Acessado em: 25/09/2020

MAIA, C.B. Ana; RIBEIRO, R.M. Paulo. **Educação Sexual: Princípios para ação**. Doxa. Revista paulista de Psicologia e Educação. v.15, n 1, p 41-5, 201. Disponível : <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/124985> Acessado em: 22/09/2020

MONTEIRO,S.A. Solange; RIBEIRO, M.R. Paulo. **Sexualidade e Gênero: na atual BNCC: possibilidades e limites**. Pesquisas e Ensino Barreiras (Ba) Brasil v.1e202011,p.1-24, 2020 Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/626-Texto%20do%20artigo-2178-3-10-20200507.pdf> Acessado em: 28/09/2020